

Recensão Crítica

Moraes, F. (2022). *A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza*. Arquipélago.

https://doi.org/10.14195/2183-6019_16_7

Um importante ponto de partida para uma reflexão crítica acerca do jornalismo no Brasil é sua relação com o colonialismo. Esta atividade que produz sentido sobre as dinâmicas sociais chegou ao país em contexto colonial português, trazida das metrópoles europeias (Conboy, 2019; Sousa *et al.*, 2016). Se entendido enquanto produtor de conhecimento e articulador de poder, o jornalismo emerge em meio ao que Quijano (1992) descreveu como a constituição e estabelecimento do paradigma europeu do conhecimento. Embora o Brasil tenha passado por muitas transformações, desde a sua descolonização, proclamação da República, Ditadura Militar e a crescente influência estadunidense nas dinâmicas culturais e políticas de todo o continente, as bases dessa atividade em território brasileiro partiram de uma consciência colonial.

O colonialismo clássico, como entende Boaventura de Sousa Santos (2007), findou-se. Mas desigualdades raciais, geográficas, de gênero e de classe, por exemplo, heranças daquela estrutura, mantêm-se e seguem influenciando (e sendo influenciadas)

pela atividade jornalística no presente. Por isso, no campo da comunicação, o lugar onde o jornalismo se localiza em meio às desigualdades brasileiras e como as reportagens têm sido do interesse de investigadores como a investigadora e jornalista Fabiana Moraes¹ que, em setembro de 2022, lançou o livro *A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza* onde discute esses tópicos.

A obra, cuja principal sugestão é a de que o jornalismo e o jornalista se ponham em autoanálise e adotem uma flexibilidade em suas práticas, é, em si mesma, uma oportunidade para que se reflita sobre as bases coloniais em que se assenta o jornalismo brasileiro e os métodos que essa linguagem utiliza contemporaneamente em meio a uma democracia liberal.

Ao mesmo tempo em que costura teorias de investigadores brasileiros

em comunicação, como Muniz Sodré, Cremilda Medina e Eduardo Meditsch para estabelecer um discurso crítico sobre a paisagem comunicacional brasileira, a autora interpreta Paulo Freire, Lélia Gonzalez, Bonaventure Ndikung, Carla Akotirene e outros a partir do seu lugar de mulher negra jornalista para compreender a sociedade em que se insere. Dessa forma, esse trabalho tem destacável impacto na investigação decolonial em comunicação no contexto americano de língua portuguesa.

Fabiana Moraes, que transita no ambiente profissional e acadêmico do jornalismo, sendo “agente do campo e observadora do mesmo”, centra sua investigação na pauta, que descreve como sendo uma “desarmadora de bombas”. A autora acredita que é a partir da pauta, tanto como roteiro (instância mais ligada à atividade em si e às dinâmicas coletivas) quanto como ação (esta mais tangente à agência da e do jornalista particularmente), que o produto jornalístico, tão massacrado em sua gênese pela consciência colonial e contemporaneamente pela lógica neoliberal, pode se tornar um instrumento humanizador,

¹ Fabiana Moraes ganhou o prêmio *Esso* de melhor reportagem impressa publicada no Brasil em 2011, com o trabalho *O nascimento de Joicy*, pelo *Jornal do Commercio*. Atualmente é colaboradora do *The Intercept Brasil* e professora do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco.

ao invés de um elemento a serviço dos binarismos desumanizantes.

No que toca à objetividade, quando esta se referente às técnicas de produção, é fortemente defendida pela autora. Mas quando se refere aos critérios de noticiabilidade e à verdade, ambos entendidos por ela como estratégicos asseguradores da credibilidade, é duramente criticada pelo entendimento de que o jornalismo, enquanto uma atividade que ocorre por meio de “intersubjetividades”, adotou uma subjetividade que entendeu como isenta e imparcial. E esta, fundada nas tradições científicas ocidentais e iluministas, serve como lente desterritorializada e alienante na leitura do mundo.

As subjetividades são defendidas especialmente pelo entendimento da autora de que as sensibilidades particulares que perpassam cada jornalista são diferentes e que cada contexto social requer uma sensibilidade específica para ser compreendido. É importante demarcar que, como destaca Fabiana Moraes, colonialidade e objetividade não nascem separadamente, pelo contrário: fazem parte do mesmo projeto de ‘outrificação’ — ou seja: de

transformar tudo o que não cabe nos modelos predeterminados de existências em um outro estranho, exótico ou mesmo descartável. Os tais binarismos que, não dificilmente, operam pela desumanização e deslegitimação. Ao defender um jornalismo de subjetividade, ela sugere a superação de leituras superficiais sobre a realidade, o posicionamento crítico frente aos valores-notícia, a liberdade criativa, a dimensão ativista e a sensibilidade hacker (“posicionamento reflexivo que pode se utilizar de maneira tática dos meios nos quais atua o/a jornalista para produzir contranarrativas e desestabilizar naturalizações”), e a interseccionalidade, essencial em contexto de crítica colonial.

Para citar um caso prático, um elemento que no Brasil atual representa expressiva ameaça tanto à ciência quanto ao jornalismo profissional e que se situa na interseção das heranças coloniais e do liberalismo contemporâneo é o bolsonarismo. Silvio Waisbord (2020), ao analisar o contexto político brasileiro, destacou que o antipetismo (que compreende desde uma negação partidária específica até políticas sociais e

contrariedade à esquerda) dos órgãos de comunicação hegemônicos no país beneficiou a eleição de Jair Bolsonaro. Este, por sua vez, logo no primeiro momento de seu governo, estabeleceu-se como uma ameaça ao jornalismo e aos jornalistas. Fabiana Moraes, olhando para a Folha de S.Paulo, aborda essa questão ao pontuar a diferença entre a opção por uma “isenção” na cobertura de Jair Bolsonaro, defendida por homens brancos chefes de redação, e um posicionamento contrário àquela ameaça aos Direitos Humanos, defendida por duas “ombudsmen”, uma mulher branca e uma mulher negra. Ao apresentar esse caso, a autora defende que diferentes sujeitos com diferentes estatutos sociais e diferentes condições de possibilidade entendem a sociedade de diferentes formas e, por isso, posturas editoriais e critérios de noticiabilidade que não se coadunem com seus contextos e com a própria sobrevivência do jornalismo devem ser questionadas.

O livro é um convite aos e às jornalistas no Brasil a se reconectarem com suas raízes enquanto agentes de transformação e a questionarem

sensibilidades que são muito mais facilmente ativadas por demandas estadunidenses que por dados de violência das periferias do próprio Brasil. O livro já consegue explicar muito e inquietar ainda mais: se na questão da desigualdade racial, uma temática central e profundamente trabalhada, a autora reconhece que ainda há muito por discutir e investigar, outras, como a influência das religiões cristãs, intimamente ligadas ao colonialismo e às democracias liberais, por exemplo, carecem de mais atenção. Ficando este com um novo ponto de partida.

Referências:

- Conboy, M. (2019). Journalism History. Em K. Wahl-Jorgensen & T. Hanitzsch (Eds.), *The Handbook of Journalism Studies* (2nd Edition). Routledge.
- Quijano, A. (1992). Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú Indígena*, 13(29), 11–20.
- Santos, B. de S. (2007). Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos - CEBRAP*, 79,

71–94. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>

Sousa, J. P., Lima, H., Hohlfeldt, A., & Barbosa, M. (Eds.). (2016). *Uma história da imprensa lusófona: Vol. Volume I*. Editora Media XXI.

Waisbord, S. (2020). Why Paulo Freire is a threat for right-wing populism: Lessons for communication of hope. *International Communication Gazette*, 82(5), 440–455. <https://doi.org/10.1177/1748048520943694>

Doutorando bolsista com financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e do Fundo Social Europeu (FCT/FSE/2021.08712.BD)

